

# Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

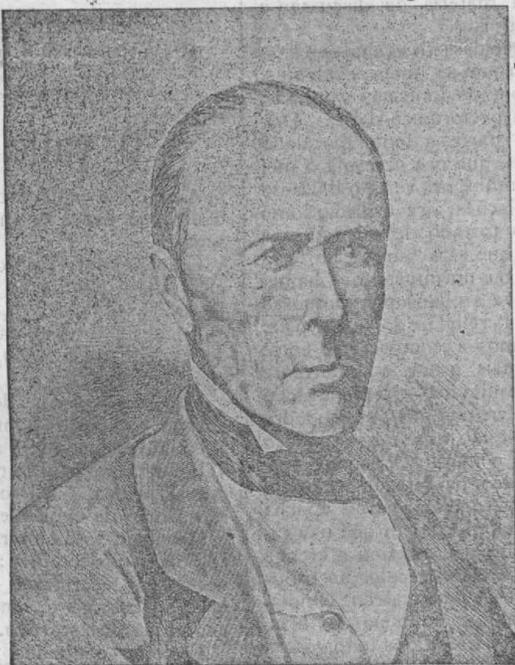
COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO  
Amadeu Peixoto Pinto Leite  
SECRETARIO da REDACÇÃO  
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA  
Em Ovar (anno) . . . . . 1\$000 reis  
Com estampilha (anno) . . . . . 1\$200 »  
Brazil e Colonias . . . . . 1\$500 »

PUBLICAÇÕES  
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial.  
Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.



## ALEXANDRE HERCULANO

"As opiniões são como os relógios de algebeira; nenhum acerta, mas todos se regulam pelo seu." Pope.

Neste côro de hosannas, erguido por um paiz inteiro á memoria d'um grande portuguez, d'um grande patriota, d'um grande escriptor, não nos quizemos furtar, do meio do nosso obscuro cantinho e da modesta actividade jornalística que o *Regenerador Liberal* desempenha nesta villa, á imposição, que o dever patriótico nos indica, de pagarmos o tributo de gratidão que todos devemos ao nome de Herculano.

O auctor da *Historia de Portugal*, o trabalho mais consciante, pesado e philosophico que registra a litteratura portuguesa, vem-se tornando credôr de todos os tributos da homenagem sincera, do respeito profundo e do reconhecimento convicto de quem estuda com amor e ama com devoção as glorias da sua patria.

Herculano não foi um homem vulgar; seria um genio mundial, seria um lidador audaz nas luctas accezas da civilisação e um orientador europeu a pugnar renhidamente por um ideal no vasto concerto das nações, se nascesse n'uma patria feita, organizada, em pleno desenvolvimento de maturação intellectual e scientifica. Então a sua patria tel-o-hia aproveitado para destinos mais largos, o renome d'um filho seu transporia as fronteiras estreitas d'uma nação; porque o genio não tem nacionalidade, pertence á humanidade; Herculano seria um marco milliar na historia da sua patria e na historia da civilisação.

Mas o solitario de Valle de Lobos, nasceu em epocha aziaga; Portugal arrastava uma vida miserável, obscura, inculta e despotica. A barra do Tejo que deixára passar as especarias da India que fomos desenterrar no Oriente, vedava, no principio do seculo em que nasceu Herculano, o livre transitio da luz do progresso europeu que tentára acclimatar-se em Portugal escapando-se ás vistas retrogradadas da nossa alfandega intellectual arreigadamente aferrada á rotina do passado. Herculano, destinado pelo seu temperamento reservado e profundo, a manipular com uma paciencia de beneditino, os archivos do passado se quizesse ser, como foi, historiador; as retortas da

sciencia se quizesse ser um chimico; as profundezas do coração humano se quizesse ser um Dante ou um Shakespeare; Herculano, fadado para a cultura de todas as sciencias, de todas as artes, e de todos os ramos do conhecimento humano, porque dispunha de capacidade mental, máscula e bem dirigida, viu-se obrigado, como Guilherme Tell, a pegar em armas em defeza da liberdade da sua patria, não como o heroe da Suissa para reconquistar o palmo de terra que nos deixaram os antepassados, mas para conquistar a posse d'um direito que ensofára em sangue de irmãos o passado d'uma patria, fazendo germinar desse passado um regimen de liberdades que o futuro tão mal soube aproveitar.

Herculano, soffreu o exilio, passou trabalhos, carpiu saudades de nostalgia sentida, para a implantação d'um regimen de progresso e de liberdade dentro da sua patria; e quando esse genio embryonario ainda, depois de ter cantado na *Harpa do Crente* as harmonias da sua alma reconcentrada e pensativa, depois de ter vibrado os threnos cortantes e esmagadores, que em catadupas rolavam do cerebro d'um vidente, doído pela patria, até aos labios febris d'onde saía a *Voz do Propheta*, quando julgava que se iria sentar á sombra da arvore da *Liberdade* que elle regára com o suor, e que supunha frondente e viçosa, olha para ella, desiludido, desalentado e arrependido, talvez de a ter regado ao vel-a assim *menira e moça* e já comida pelo pulgão da politica que lhe rareava as folhas e lhe compromettia a existencia.

Herculano caía fulminado por uma desillusão. «Triste, desoladora sorte, a de Portugal! Nem homens, nem systems, nem a propria religião nova da *Liberdade* vingava! Não era para descer da patria? Não era para interrogar a historia e ver se nós não seriamos um erro — como tantos — que o tempo arrasta pelos seculos?» (a)

Herculano, que via para dentro da sua intelligencia e que não que-

(a) Oliveira Martins.

ria fazer juizos temerarios sobre os homens, só tarde e a más horas é que veio conhecendo o que os homens na pratica lhe saíram. Oliveira Martins diz: «Herculano, como todos os que lidam mais com ideias do que com homens, era quasi infantilmente ingenuo.» (b) Effectivamente, para Herculano toda a sua dignidade residia no pensamento. (c) Desprezava as formulas postigas que os homens davam aos passos ficticios por que normalisavam as suas ambições.

Para Herculano a historia politica do seu paiz era uma serie de desconchavos, de torpezas, de inepcias, de desejos de enriquecer. Para os politicos não havia partidos, havia o partidarismo do interesse, porque eram homens *nulos*. Chorava assim sobre a liberdade que fizera correrios de sangue, expulsára os frades, roubou os conventos: «Em civilisação estamos dois furos abaixo da Turquia e outros tantos acima dos hottentotes. Agitamo-nos no circulo estreito das revoluções incessantes e estereis; a legalidade tornou-se impossivel, a acção governativa um problema insolúvel.» (d)

Em politica fôra um theorico e acabara por ser um Juvenal. Não foram só os ataques do elemento religioso, representado por Sousa Monteiro, Mageste Tavares e Padre Creio que desviaram Herculano da faina da litteratura para a fabricação do azeite de Azoia estremaanha. Tudo concorreu para nos ficar a *Historia de Portugal* incompleta e a *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição* feita tão de afogadilho.

Neste turbilhão de ideias contradictorias e diffusas a que chamam opinião publica, a personalidade de Herculano tem andado de *canto para esquina*.

De todos os pontos do paiz sobem aos ares, como girandolas de foguetes jornalísticos, e espiches de oratoria barata, os encomios desmedidos e inconscientes, ás vezes, a Herculano, a proposito do seu centenário. Herculano tem sido ignobilmente explorado, por uma certa imprensa e por uma casta de politicos, que aproveitam a ignorancia do publico e o desnorreamento do povo impingindo-lhe Herculano a proposito de tudo. Neste andar o povo, d'aqui a dois dias, vae attribuir a Herculano o decreto de Aguiar, que despovoára os conventos e enriquecera os chamados *liberaes*. O que se pode e deve dizer ao povo, é que Herculano fôra um poeta de larga envergadura, não com o estylo faustoso, retumbante e sonoro de Junqueiro, mas com a placidez d'um ideal nobre em cada verso, com a convicção d'um pensamento sério em cada estrophe. Devemos dizer ao povo que Herculano, joven ainda, vendo a sua patria decadente, roubada por estranhos, regada por sangue fraticida, ensopada na lama d'uma politica de odios e rotibos feitos á custa dos conventos; vendo a sua patria amesquinhada pela intriga de partidos e revoluções diarias, que uma falsa liberdade e um despotismo verdadeiro implantaram em Portugal, refundira na fragoa d'uma enorme intelligencia as labaredas da *Voz do Propheta*.

Devemos dizer ao povo que Herculano fora um artista no campo da

(b) «Portugal Contemporaneo» vol. II 1883 pag. 289.

(c) *Tout le monde est dans la pensée.* — Pascal.

(d) Alexandre Herculano no jornal *O Pais*.

litteratura e um revolucionario no campo da arte do seu tempo, mas que não fora um demagogo, um envergamento de verbo facil e de eloquencia de comicio. Os seus romances, talhados, como o caracter de Herculano, no mais fino marmore da lingua portuguesa, adubados como elle dizia com os *Calços do Vieira*, não cheira aos romances aferventados, realistas e réles que se impingem hoje ao leitor incauto que se deixa seduzir pela industria do *reclame*. Nos tres volumes de *Monasticon* e nos dois das *Lendas e Narrativas*, aquelle estylo, umas vezes amoroso e rithmico, outras pujante, sóbrio e faiscante, como o vulcão que passa rapido sobre as aguas encrespadas do oceano, deleita ou confrange, consola ou electriza, arranca lagrimas ou improperios, mas não deixa a gente indifferente. No campo das investigações historicas, quer nos quatro volumes da *Historia* quer na quantidade de folhetos, hoje reunidos em volumes, nos *Opusculos*, o olhar telescopico do seu grandioso espirito, caindo sobre a sociedade portuguesa do seu tempo, enojou-se, quebrou-se contra as arestas d'uma vida ficticia, superficial e balofa, e foi, perseguido pelo seu isolamento intellectual e pelo nojo dos homens, esconder-se, reconcentrar-se e viver, á sombra dos oliveas e do viço dos vinhedos, para a solidade de Valle de Lobos.

Que o patriotismo d'aquelle solitario venha reaccender em todos os seus filhos o amor á patria que é o que falta hoje mais em todos os partidos e o que está mais apagado no coração de todos os portuguezes. Que a memoria d'um grande portuguez, d'um caracter sem manchas, d'uma honestidade sem sombras, longe de vir abrir brecha de discórdia entre irmãos, venha insuflar na alma de todos o sopro abençoado do patriotismo, porque d'elle precisará, e em breve talvez, uma patria que tende a esfarelhar-se ou a cobrir-se de lama.

## A Cruz mutilada

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada  
De esplendidas egrejas;  
Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
Junto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbyterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Nuncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó:

Porem quando mais te amo,  
Oh cruz do meu Senhor,  
E', se te encontro á tarde,  
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,  
Que o arvoredado assombra,  
Quando á luz que fenece  
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos ráios  
Com o luar mistura,  
E o seu hymno da tarde  
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, num alcantil agreste,  
Meia quebrada, oh cruz. Sosinha estavas  
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua  
Detraz do calvo cerro. A solidade  
Não te pôde valer contra a mão impia,  
Que te feriu sem dó.

Alexandre Herculano.

«Poesias» pag. 125.

## Alexandre Herculano

Quando nasceu, quando casou e como morreu

Diz Alexandre Herculano em uma carta datada de 19 de março de 1870 e noutra de 30 de março de 1872, que nasceu a 28 de março de 1810.

Mas o que é muito curioso é o que diz o livro de baptismos, d'esse tempo, da freguezia de Santa Isabel, de Lisboa.

Consta d'esse livro que o nascimento de Herculano se deu não a 28 de março, mas sim a 28 d'abril do citado anno. Tem esse termo de baptismo a data de 30 d'abril. E por isso é natural, que tenha havido um lapso, um descuido da parte de quem o lavrou, designando abril em vez de março, como mez em que Herculano viu a luz do dia.

O que parece fóra de duvida é que o assento não diz n'este ponto a verdade.

Effectivamente a repetida affirmção proprio Alexandre Herculano bastaria para a tirar. Elle devia ter ouvido dizer muita vez a seus paes.

Mas outro argumento existe ainda de ponderação. Parece que os paes de Herculano tinham devoção em dar aos filhos o nome do santo do dia em que nasciam. Assim em 30 d'abril de 1810 foi baptisada uma irmã de Herculano que havia nascido dois annos antes, a 15 d'agosto. Nesse dia celebra a Igreja a Assumpção de Maria, e Maria é o nome que os paes impuzeram á neophita. Outro irmão de Herculano recebeu o nome de José Felix, de certo porque tendo nascido a 23 de março, nesse dia se festeja S. Felix. Ora Alexandre Herculano é logico que recebesse tambem o nome do santo do dia em que nasceu; e é precisamente a 28 de março que na folhinha catholica se faz a commemoração de Santo Alexandre Martyr.

Alexandre Herculano casou no primeiro de maio de 1867, em Lisboa, com D. Marianna Herminia de Meira. Contava elle 57 annos e sua consorte 52. O consorcio realisou-se na Sé Patriarchal.

E veio a fallecer em 13 de setembro de 1877 em Valle-de-Lobos.

Seu cadaver ficou depositado em Santarem, na igreja d'Azoia, realzando-se no dia 15 solemnes exequias.

A trasladação para o pantheon dos Jeronymos, onde se encontram os restos de Herculano, realzou-se mais tarde em 1888.

## Porque se retirou A. Herculano da vida das letras?

A. Herculano era socio o vice-presidente da Academia quando em março de 1856 foi nomeado guardião da Torre do Tombo Joaquim José da Costa Macedo, que pouco antes se havia demittido de secretario perpetuo da mesma Academia, por desintelligencias que o incompatibilisavam com essa corporação.

Apenas elle foi nomeado guardião, Alexandre Herculano protestou em sessão de 31 de março d'aquelle anno, não pôs mais pé na Torre do Tombo e demittiu-se de socio e vice-presidente. Esta resolução inabalavel vinha prejudicar as letras porque assim não poderia Herculano continuar a publicação dos *Monumentos Historicos*.

A Academia conseguiu emoutu-

bro que elle accitasse novo diploma de socio e elegeu-o vice-presidente em dezembro.

Herculano então em carta d'esse mesmo mez declara não accitar o cargo e que estava «morto para as letras, emquanto se achar collocado pelos poderes publicos entre a humilhação e o silencio, entre a deshonra e a abstenção, porque a patria tinha o direito de exigir tudo de seus filhos, menos o aviltamento.» Por esta razão foi para Calhariz, onde em quinta arrendada aos duques de Palmella, se dedicou á agricultura, deixando de mão os «Monumentos Historicos» e a «Historia de Portugal», em que tambem trabalhava. Só em 1867 é que retirou para Valle-de-Lobos, onde permaneceu até á morte.

Em 1857, porém, voltou a trabalhar nos «Monumentos Historicos» de que se havia encarregado como socio da Academia; e voltou então, porque foi n'esse anno aposentado o guarda-mór da Torre do Tombo e portanto estava-lhe franqueada a porta do archivo nacional.

Eis a razão porque este gigantesco vulto das letras portuguezas conquistou a antonomasia de Solitário de Valle-de-Lobos.

## As freiras de Lorvão

Vacillantes entre a vida e a morte, as freiras de Lorvão prolongam uma existencia de dor e miseria pendente das eventualidades desse tenue rendimento. Ha um ou dois annos, o governo deu-lhes a esmola dum subsidio, porém, cessou.

Ignora-se o motivo. Por ventura alguma secretaria de estado precisava de novos estofos nas suas commodas poltronas, ou os felpudos tapetes das salas ministeriaes tinham perdido o brilho das suas cores variegadas, e cumpria renova-los.

São despesas inevitáveis, e é necessaria a economia. Se assim foi, respeitamos as exigencias imperiosas da dignidade governativa.

Alta noite, durante o inverno, vinte mulheres curvadas pela inédua e pela velhice podem dirigir-se ao côro, calcando quasi descalças as lajeas humidas e frias destes claustros solitarios; mas as botas envernizadas de suas excellencias devem ranger mollemente, sobre um pavimento suave, e as suas cabeças afogueiadas pelas profundas cogitações, reclinarem-se em fofos espaldares. Todavia a magestade das secretarias e os apices da economia não excluem a tolerancia nem a indulgencia.

Faço essa justiça ao poder. Quando a ultima freira de Lorvão expirar de miseria, ou debaixo de alguma dessas paredes interiores do mosteiro que ameaçam desabar, os ministros soffrerão com animo paternal que mãos piedosas vão lançar o cadaver da pobre monja no ossuario de sete seculos, onde repousam as cinzas de milhares de suas irmãs. Depois venderão o edificio e a cerca a alguns destes judeus do seculo XIX, a que chamamos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão.

Meu amigo: se a indignação consentisse o riso, se não se tratasse de uma questão grave e triste, eu riria do afan da imprensa em ventilar os meios de acudir á desgraçada ilha da Madeira.

O remedio ha de ser o abandono. Quando vejo a facilidade com que a sorte das freiras em Portugal se tornaria feliz, e considero o estado de Lorvão, de Cellas, e de tantos outros mosteiros, como hei de esperar que remediem um mal cuja cura é mil vezes mais difficil.

Na secretaria da justiça encontram-se as provas de que a renda dos bens que ainda possuem os conventos do sexo feminino em Portugal excede a 200:000:000 reis, e todavia ha centenaes de freiras que morrem á mingua. São dois factos que não carecem de commentario. É a manifestação mais eloquente de que não ha governo nesta terra.

Alexandre Herculano.

Opusculos vol. I pag. 201.

## O monge da Arrabida

Eremitario antigo, oh, se podesses  
Dos annos que lá vão contar a historia;  
Se ora, á voz do cantor, possivel fosse  
Transudar desse chão, gelado e mudo,  
O mudo pranto, em noites dolorosas,  
Por naufragos do mundo derramado  
Sobre elle, e aos pés da cruz!... Se vós podesses,  
Brancas pedras, falar, o que dirieis?!

Quantos nomes mimosos da ventura,  
Convertidos em fabula das gentes,  
Despertariam o echo das montanhas,  
Se aos negros troncos do sobreiro antigo  
Mandasse o Eterno susurrar a historia  
Dos que vieram desnudar-lhe o cepo,  
Para um leito formar, onde velassem,  
Da máguia, ou do remorso as longas noites!  
Aqui veio, talvez buscar asylo  
Um poderoso, out'ora anjo da terra,  
Despenhado nas trevas do infortunio;  
Aqui gemeu, talvez, o amor trahido,  
Ou pela morte convertida em cancro  
De infernal desespero; aqui soaram  
Do arrependido os ultimos gemidos,  
Depois da vida derramada em gosos,  
Depois do goso convertido em tedio,  
Mas quem foram? Nenhum, depondo em terra  
Vestidura mortal, deixou vestígios  
Do seu breve passar. E isso que importa,  
Se Deus o viu; se as lagrimas do triste  
Elle contou, para as pagar com glorial

Ainda em curvo outeiro, ao fim da senda  
Que serpeia do monte ao fundo valle,  
Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,  
Como um pharol de vida em mar de escolhos:  
Ao christão infeliz acolhe no ermo,  
E consolando-o, diz-lhe—«a patria tua  
E' lá no ceo: abraça-te comigo.»  
Juncto della esses homens, que passaram  
Acurvados na dor, as mãos ergueram  
Para o Deus, que perdoa, e que é conforto  
Dos que aos pés deste symbolo de esperança  
Vem derramar seu coração afflicto:  
E' do deserto a historia a cruz e a campa;  
E sobre tudo o mais pouca o silencio.  
Feliz da terra, os monges não maldigam;  
Do que em Deus confiou não escarneiam!  
Folgando segue a trilha, que ha juncado,  
Para teus pés, de flores a fortuna,  
E sobre a morta crença em paz descança.  
Que mal te faz, que goso vae roubar-te  
O que ensanguenta os pés no tojo agreste,  
E sobre a fria pedra encosta a fronte?  
Que mal te faz uma oração erguida,  
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,  
E que, subindo aos ceos, só Deus escuta?  
Oh, não insultes lagrimas alheias,  
E deixa a fé ao que não tem mais nada!...

E se estes versos te contristam, rasga-os.  
Teus menestres te venderão seus hymnos,  
Nos banquetes opiparos, emquanto  
O negro pão repartir comigo,  
Seu trovador, o pobre anachoreta,  
Que não te inveja as ditas, como as d'ouros  
Do prazer ao cantor eu não invejo;  
Triste corôas, sob as quaes ás vezes  
Está gravada uma inscripção d'infamia.

Alexandre Herculano.

«A Arrabida» «Poesias» pag. 63 edição de 1895.

## Hypocrisia e crença

... O animo vulgar que nunca vacillou na fé, que nunca discutiu o verbo, que nunca julgou o Christo, possuido do insensato orgulho da sciencia, esse não sabe a dolorosa oração do que pede a Deus o crêr; ignora quanto fel encerra a interrupção continua de cada phrase, de cada palavra d'aquelle tormentoso orar; ignora o que é atirar-se aos pés da Cruz por um impulso quasi phrenetico do coração, sentir a voz gelida, pezada, cruel do entendimento dizer-lhe tranquillamente—«quem sabe!»—e cair desanimado no lethargo da duvida, donde muitas vezes bem tarde se levanta o espirito, opprimido e quebrado, porque nelle pelejaram horas largas o instincto religioso e o demonio implacavel a que chamam sciencia.

A sociedade é bem injusta, quando ás faces do desgraçado, que assim lucha consigo mesmo, sacode o lodo da injuria, dizendo-lhe:—«hypocrita!»—porque escondeu aos que o rodeiam, não as certezas, que não as tem, mas as duvidas terriveis da intelligencia, e lhes revelou só as inspirações, os desejos, as saudades do coração!—Hypocrita?! Tanto como o que, havendo-se transviado da estrada e caído em fogo profundo, dorido, coberto de pisaduras e feridas, e ensanguentando as mãos e o rosto nos silvados do despenhadeiro, lidasse por sahir d'elle e voltar ao caminho suave e plano, e bradasse aos que visse ao longe:—«não vos afasteis para aqui!» Hypocritas são aquellos que mentem aos que os escutam; que simulam a paz do descer tranquillo, quando vai lá dentro o tumultuar das incertezas. Como Satanaz, elles dizem que inferno é o céu; dizem que a irreligiosidade tem o segredo do repouso e da ventura, quando o que nella dá é inquietação e despareça.

Feliz a alma vulgar e rude que crê e nem sequer sabe que a duvida existe no mundo! Está certa de que, além da morte, ha vida; conhece as suas condições; conhece-as como lh'as ensinaram, como conhece as condições dos corpos. Para ella as noites não tem os pesadellos monstruosos, nem os dias as meditações febris em que o sceptico involuntario se debate na orla do possivel, que toca por um lado nas solidões do nada, por outro na immensidade de Deus. Mas ainda mais feliz a intelligencia superior ás do vulgo, aquella que a Providencia destinou á missão do poeta, nos annos da infancia e da juventude, antes que o bafio árido da sciencia a queimasse passando por cima d'ella! N'esse espirito e n'essa edade, a religião não está só nos preceitos e nos dogmas; está na natureza inteira. A alegria de Deus, o aspirar das fragranças celestes, a toada suavissima dos hymnos dos anjos descem a ella nos raios do sol, quando nasce e quando desaparece; tremulam no espelhar-se da lua nas aguas; misturam-se no cicio das arvores; entreteem-se com os mil gemidos da noite; vivem nas affeições domesticas, e sanctificam o primeiro bater do coração pelo amor.

Tudo então é viçoso e puro; porque a alma poetica lhe empresta viço e pureza. As harmonias moldadas na virilidade, pelas leis das linguas e das escolhas são apenas um echo frouxo d'esses canticos da meninice e da primeira mocidade, que se evaporam sem se escreverem, que são um oceano de delicias ineffaveis, em que se embalam mollemente a imaginação e o sentir do homem a quem o mundo ha de chamar poetas.

N'essa epocha da vida, elle não abstrahê do real para salvar verdadeira e intacta a sua idealidade; faz mais: derrama esta, que é a seiva intima do seu viver, pelo universo, e converte-o n'uma coisa formosa, santa, ideal, que o mundo está bem longe de ser.

Alexandre Herculano.

Lendas e Narrativas, tomo II—Prologo do «Parocho d'Aldeia».

## Uma trilogia

Philosophia — consciencia — religião: Tres fontes de bem obrar; de tudo quanto ha grande, bello e generoso no desterro da vida. Qual d'ellas é mais caudal?

A religião: porque a religião não fluctua nos seus preceitos, accita o homem como um typo de miseria e da grandeza, como corpo e como espirito, e exige de nós a moralidade em nome d'uma causa final—a vida das recompensas.

Ligados com especulações ontologicas, com doutrinas metaphysicas, vacillantes, contestaveis e perpetuamente contestadas, os principios moraes das escolhas philosophicas tem seguido de perto, arrastados por ellas, todos os desvarios d'essas doutrinas até ao nosso tempo. Quem nos diz que as de hoje serão regeitadas como erros, ou, mais rigorosamente, quem nos diz onde está a razão, e a verdade, e no meio do combate, que ainda dura entre as diversas parcialidades, nesta provincia do mundo intellectual? Quem nos diz que a nossa sciencia não será materia de riso para a geração que ha-de succeder-nos?

A historia da philosophia é a historia de um edificio começado ha milhares d'annos, em que um secuio revolve os fundamentos que outro lançou, para lançar os seus, os quaes igualmente são revolvidos pelo secuio seguinte, cujos trabalhos condemnará o que vier após elle.

Desde o moral de Platão deduzida do amor da formosura divina; desde a moral de Epicuro, moral negativa, que põe o profundo desprezo da humanidade como pedra angular do proceder humano: desde as escolhas da Grecia até ao materialismo grosseiro dos encyclopedistas, que maxima, que regra d'ações deixou de ter altares, deixou de ser condemnada? Nenhuma.

Constancia, perpetuidade, só a teem os preceitos immutaveis das crenças religiosas.

Substitui, porem o individuo á eschola: Substitui a inspiração da consciencia aos raciocinios do entendimento, mais incompleto, mais vacillante e mais esteril será ainda o sentimento moral.

De que dependem os affectos do coração? Da indole e ingenho do homem, da sua educação, habitos, propensões e até da sua physiologia. Mais: a doença ou a saude, a felicidade ou o infortunio, fazem variar o seu modo de sentir em relação aos seus semelhantes. Os instinctos da consciencia só podem porisso produzir a anarchia moral, a contradicção dos actos humanos.

A virtude sem fé não tem verbo que a explique; é uma linguagem escripta com caracteres hieroglyphicos, que se veem sem se comprehenderem, e em que os eruditos só encontram materia de discussão e de conjecturas.

Estas considerações rapidas e abstractas tornam-se mais evidentes, applicando-as ás doutrinas especiaes, e a um aspecto unico d'estas. Deixemos de parte a fonte moral da consciencia, que ora derrama o mel ora o absinthio; ora verte o balsamo das consolações, ora é arida como o rochedo tostado de serra nua e erma, e que será sempre na terra um acaso ou um mysterio. Chamemos á prova a philosophia do nosso tempo e a religião do nosso paiz: estabeleçamos a comparação entre ellas no mais grave e importante dos seus resultados—a beneficencia.

D'onde viemos nós os que ora vivemos?—qual é a nossa filiação intellectual e moral? A geração presente veio de uma geração argumentadora e incredula; a nossa epocha veio de uma epocha em que o orgulho dos homens chamou a crença divina de dezoito seculos ao tribunal humano de uma dialectica implacavel: nascemos no meio das blasphemias e alaridos dos inimigos do Evangelho: assistimos ainda aos ultimos dias do julgamento ainda ouvimos condemnar a doutrina de Jesus porque era indigna da grandeza de Deus, e porque não era atheistica; porque era severa e porque era indulgente; porque era copiada de crenças antigas segudas largos annos por milhares d'homens, e porque era impossivel segui-la, porque era perturbadora dos estados, e porque era um elemento de servidão. Offerecido pelas opiniões mais oppostas, e no fim regeitado por contrario a todas ellas, vimos o christianismo expulso do templo da philosophia, e a cruz desterrada como um symbolo inutil. As escholas dos sophistas que não podiam convir entre si no minimo ponto de doutrina, concordaram todavia num resultado: foi este, que a religião, clara, definida, accita pelas mais vastas intelligencias que o mundo produzira em perto de dois mil annos, origem de innumeraveis acções nobres, formosas e sublimes, causa principal e quasi unica de todo o progresso das sociedades modernas, era absurdo e mentira, era um mal intoleravel, e que no cahos monstruoso, cambiante, incerto das doutrinas contradictorias dos sophistas, que nem um só bem havia trazido á terra, nem enxugado uma lagrima, nem gerado uma consolação, nem inspirado um só feito generoso e forte, estava a verdade, a evidencia, a felicidade, e o fundamento seguro do crêr e do obrar humano.

Era demasiado demente e ridicula esta pertença dos sophistas, para que a epocha actual lhe não voltasse as costas com tedro e desprezo. Mas a cruz jazia por terra, coberta de lodo espadanado contra ella por insensatos: o seu antigo prestigio estava destruido, e os homens passaram muito tempo por ella, sem que houvesse uma intelligencia robusta que ousasse ajoelhar na encrusilhada, e abraçar-se com o symbolo da redempção. Os primeiros que o tentaram tinham por certo grande coração, porque o contrastar o escarneo das turbas é a mais subida prova de esforço. A energia d'estas almas teve a sua recompensa—a consciencia de haverem contribuido poderosamente para a restauração moral da sociedade—e se o christianismo não triumphou ainda completamente das preoccupações vergonhosas do secuio passado, não se carece de grande perspicacia para

antever que não tarda o dia em que a Europa seja outra vez verdadeiramente christã...

... A religião cujo primeiro alvor começa de novo a despontar no oriente do nosso intimo viver, tão descorado e triste, apenas se entrevê no horizonte das alturas espirituualistas; são, porem, profundas as trevas nos valles e nas planicies rasteiras, onde pousam as nevoas mephyticas de um sensualismo hediondo.

Tal é o estado moral da sociedade: duas philosophias contrarias, que pelejam mais um desses combates entre ellas diariamente desde milhares de annos: As almas nobres lidando em silencio para despertarem do somno estúpido do septicismo; e o povo dançando tristemente feroz sobre as ruinas do altar e da cruz.

Alexandre Herculano.

«O Panorama» vol. II. pag. 114.

## O vaticinio

Amplio é o sepulchro de um povo: dentro em breve tu ahí calarás para sempre.

Crêste-te forte, porque sabes rugir como a panthera: mas sómente Deus é grande.

Encheste o vaso das tuas iniquidades, elle trasbordou, e a terra ficou polluida.

Malditos os nomes dos que accenderam o volcão popular; nomes abominaveis perante o céu e a terra. Portugal foi pesado na balança da eterna justiça, e a Providencia retirou a mão de cima d'elle.

Derribem-se os altares, cerrem-se as portas dos templos: Deus já não accita os sacrificios, nem ouve as preces d'este povo, senão como uma expressão de escarneo.

E como o aquilão varre a folha secca do outono, o sopro do Senhor varrerá da face da terra esta raça corrompida e immoral.

O que tem ouvidos para ouvir ouça: o que tem olhos para vêr veja: o que tem coração para se contristar, contriste-se.

O povo tinha a liberdade e quiz a licença; tinha a justiça e quiz a iniquidade: o povo perecerá.

Desgraçado d'aquelle que anda fóra dos caminhos do Senhor: correndo despejado por despenhadeiros, sentir-se-ha por fim baqueiar no fundo de um precipicio.

Porque a lei e a virtude foram postas no mundo para proveito do homem, não para proveito de Deus.

E o povo continúa a dançar em roda do seu mesmo sepulchro.

E as outras nações meneiam a cabeça em signal de compaixão.

Os tyrannos sorriem e dizem por escarneo aos homens virtuosos: ide, e dae a liberdade ás turbas: erguei á dignidade de homens livres servos devassos e educados no lodo: elles vos pagarão com a unica moeda que guardam em seus thesouros.

A relé popular é chamada as fezes da sociedade, não porque é humilde, não porque é pobre, mas porque é vil e malvada.

O sabio e o virtuoso indigentes são mais nobres do que os grandes da republica, do que os dominadores da terra.

O ferrete da abjecção e da infamia estampa-se em qualquer fronte sem excepção de berço, e aos que trazem este signal de reprovação é que a philosophia chama escoria da sociedade.

A medida por que Deus conta os graus dos meritos da vida é a da pureza de coração; é a do aperfeiçoamento da intelligencia.

Os typos das diversas alturas a que sobe o espirito humano na carreira indefinida da perfeição formam como uma pyramide, cuja base assenta no fundo de um tremedal, cujo ápice se esconde no interior dos céus.

Muitos nasceram no infimo da pyramide e subiram a grande altura, outros de grande altura desceram a mergulhar-se no lodo.

E tanto a uns como a outros julgará a immutavel justiça de Deus.

Alexandre Herculano.

A Vos do Propheta, 1.ª serie.

## Nostalgia do poeta

Que ferreo coração esquece a terra,  
Que lhe escutou os infantis vagidos,  
E lhe bebeu as lagrimas primeiras,  
Preludio a tantas que no curto espaço  
Da vida ha-de verter? Quem nunca esquece  
O tecto paternal, embora adeje  
Ao redor d'elle o medo de tyrannos?  
Quem não deseja misturar, na morte,  
Com a gleba nativa o pó de extinto,  
E murmurar seu ultimo suspiro  
Alli, onde primeiro a luz diurna  
O allumiu na rapida passagem  
Entre o nada e o morrer, chamada a vida?  
Ai, que és tu, existencia! Um pesadello,  
Um sobro mau, de que se acorda em trévas,  
Na valla dos cadaveres, em meio  
Da unica herança que pertence ao homem,  
Um sudario e o perpétuo esquecimento.  
A infancia é dormir placido: inquieta  
A mocidade é já; mas entre dores  
Vem o amar e esperar, e a crença ardente,  
E affectos sanctos consolar quem dorme:  
Pouco a pouco, porém, sobre a jazida  
Do sonhador, do mal se assenta o anjo,  
E as imagens ridentes da ventura  
Co's negras azas dispersando ao longe,  
Com duro pé o coração lhe opprime.  
Oh, no grabato meu bem cedo esse anjo  
Veio assentar-se, e o juvenil enleio  
De affectos puros em dormir sereno  
Afugentou de mim. Vaguei nos mares;  
Peregrinei na terra; em toda a parte  
O pé maldicto me esmagou o péito,  
E da patria a saudade, em sonho triste,  
Immovel, do viver me tece a noite.

Solido, solidão, quem diz que existes  
Onde não soa tumulluar das turbas  
Mentiu-te a essencial solidão e morte  
São uma ideia só; um pensamento  
Doloroso, indistincto. Oh, dae-me um valle  
Onde haja o sol da minha patria, e a brisa  
Matutina e da tarde, e a vinha e o cedro,  
E a laranjeira em flor, e as harmonias  
Que a natureza em vozes mil murmura  
Na terra em que eu nasci, embora falte  
No concerto immptal a voz humana,  
Que um ermo assim povoará meus dias.

Alexandre Herculano.

«Tristezas do Desterro»

Poesias pag. 171.

## Herculano Poeta

Sem Camões, Portugal seria hoje  
uma lenda lembrada apenas pelo  
Atlantico na maguada canção dos  
seus murmúrios, e sem Herculano,  
a poesia portugueza não teria recebido  
o baptismo lustral que lhe deu  
a solemnidade grandiosa e tocante  
das Cathedraes.

A sua poesia é límpida e forte  
como a sua crença, sincera e nobre  
como o seu caracter.

N'ella palpita e vive a velha alma  
portugueza, impetuosa e ardente:  
marinheiros e batalhadores, todos  
os que partiam para a aventura, r  
diosos como apóstolos, nos galeões  
empavesados, fixando a pupilla ru-  
tilla das estrellas e ouvindo as la-  
daiñas barbaras do Oceano.

Na poesia de Herculano perpassa  
em largos fremitos alguma coisa que  
faz lembrar as vagas scintilantes de  
um grande mar, quebrando nas agu-  
lhas dos rochedos os soluços pallidos  
da sua eterna dor.

Castilho e Garrett seriam mais  
artistas e mais harmonicos; mas  
Herculano excedia-os a ambos na  
randiosa elevação do pensamento.

Em Castilho e Garrett ha a ameni-  
dade dos valles, a candura dos  
pastores e a alegria simples e sus-  
surante dos arroios; em Herculano  
sente-se a gravidade das altas cor-  
dilheiras e a tristeza augusta dos  
mosteiros.

Na poesia de Castilho e Garrett  
ha a leveza e ondulação de linhas  
de um templo hellenico; na de Her-  
culano a sobriedade coordenada e  
segura dos monumentos gothicos.

Castilho e Garrett voltavam-se  
mais para as galas luxuriantes da  
natureza; Herculano erguia-se para  
Deus.

E' a *Semana Santa* evocando o  
torturante drama do Calvario, á hora  
em que os perfidos montes se esba-  
tem na luz parda e indecisa do es-  
curecer e as suas arestas se ama-  
ciam nos braços brancos da nevoa.

E' a *Cruz Mutilada* e o hymno  
Deus, synthese poetica da sua cren-  
ça, em que ha reptos de uma gran-  
desa biblica e em que o seu espirito  
tem largos vóos de aguia pela im-  
mensidade das espheras.

Ora meiga e serena como a on-  
dina que expira, preguiçosa e lan-  
guida, na areia fulva, ora trovejante  
como a onda clamorosa que narra  
ao seio das penedias as suas lanci-  
nantes elegias, a poesia de Her-

culano sacode, vibra, soluça; tem  
exuberancia de sentimentos e quasi  
nunca a orchastração magnifica das  
palavras se sobrepõe á ideia.

Mas é nas *Tristezas do Desterro*  
que Herculano attinge a mais alta  
expressão do sentimento. Alli ha  
palavras que são lagrimas, versos  
que são soluços, golfadas de sangue  
de um coração muito amante da sua  
terra.

E' que elle, o poeta da *Harpa do  
Crente*, ao trocar o seu paiz pelo  
exilio, decerto beijou de joelhos o  
chão sagrado da sua Patria, levando  
para as agruras do desterro um pu-  
nhado de terra, como o patriota  
Kossuth ao passar as fronteiras da  
Hungria.

O poeta bate-se pela liberdade,  
canta-a em versos immorredoiros e  
começa depois a sua obra de col-  
losso, a sua obra de paciente e eru-  
dita investigação.

E, enquanto Garrett nos dá no  
*Cancioneiro* a photographia da alma  
do povo, Herculano, revolvendo o pé  
de velhas chronicas, escreve a his-  
toria dos municipios e decifra nos  
foraes a formação do direito popu-  
lar.

Um dia, compreendendo que o  
seu sonho era morto, o sonho límpido  
e bello a que elle dera a vida  
da sua vida, sereno como Catão no  
momento em que ia trespassar o  
peito com a propria espada, deixa-se  
cahir desilludido e vencido, pedindo  
o esquecimento e a paz como o  
poeta errante da *Divina Comedia*.

A fome, a guerra, o exilio, tudo  
redunda inutil.

E ao vêr a corrupção que lavrava  
fundo, a felonia de uns e a covardia  
de outros, esse homem de ferro  
deve ter chorado na solidão de Valle  
de Lobos, lagrimas tão puras como  
só Christo e Lamartine choraram  
no Jardim das Oliveiras!

E, como visão ultima e halluci-  
nante, a candida figura da Patria  
passava ante os seus olhos, verga-  
da por um sudario de misérias, sem  
alma já para erguer bem alto, á luz  
do sol, o calix bendito da sua fé.  
E era já n'uma suprema angustia que  
a sua voz clamava de novo como nas  
*Tristezas do Desterro*:

Berço do meu nascer, solo querido  
Onde cresci e amei e fui ditoso,  
Onde a luz, onde o ceu riem tão meigos,  
Meu pobre Portugal, hei-de chorar-te!

Coimbra.

João de Castro.

## Os egressos

Quando em 1834 se extinguiu o  
antigo e celebre cenobio de Santa  
Cruz de Coimbra, aconteceu ahí um  
facto que pôde, até certo ponto, dar  
uma ideia das primeiras scenas do  
negro drama que ha oito annos co-  
meçou a passar ante os olhos d'a-  
quelles que ainda não abnegaram  
de todo a humanidade e o pudor.  
Expulsos os cenobitas, e inventaria-  
dos os bens do mosteiro pelos com-  
missarios desta obra brutal, quasi  
por toda a parte brutalmente exe-  
cutada, ainda uma cella daquelle  
vasto edificio ficava occupada por  
um dos seus antigos habitantes.  
Era um velho de oitenta annos, a  
quem o tropego, o quasi morto dos  
membros embargavam o caminhar,  
e que por isso não podia seguir os  
seus irmãos. Entrando no aposento,  
encontraram o cenobita deitado no  
seu catre humilde, em cujo topo  
pendia o crucifixo que, talvez por  
sessenta annos, tinha visto a seus  
pés consumir-se na meditação, nas  
preces e na penitencia aquella dilata-  
da vida. Estava só o ancião, e o  
silencio que o rodeava apenas era  
interrompido pelos gorgueios duma  
avesinha, que pulava contente ao  
sol numa gaiola pendurada da abo-  
bada. O velho parecia pensativo,  
como se advinhasse que era chega-  
da para elle a hora do martyrio. As  
passadas dos que entravam move-  
ram-no a volver os olhos: correu-os  
por aquellos rostos desacostuma-  
dos: depois tornou os a abaixar.

Que lhe importavam os homens  
do seculo? Elle não os conhecia.  
Disseram-lhe então que era necessá-  
rio sair d'alli: «Porquê?» perguntou  
o cenobita. «Porque os frades aca-  
baram?» replicou o mais eloquente

e discreto dos verdugos, como se  
exprimissem a ideia mais simples e  
terrivel deste mundo. «Porque os fra-  
des.....»: repetiu em voz baixa o velho, sem  
concluir. Os labios não podiam le-  
vantar de cima do coração o resto  
daquelle phrase monstruosa: ella  
lho havia esmagado.

Um sorriso estúpido passou pelas  
fases estúpidas de alguns dos cir-  
cunstantes. No gesto espantado do  
cenobita liam elles a grandeza do  
esforço com que associavam o pro-  
prio nome á obra prima do seculo.  
E com razão. O triturar assim um  
coração de oitenta annos era feito  
que excedia em heroicidade todos  
os que haviam praticado dois ca-  
valleiros portuguezes, que lá em  
baixo na igreja, continuavam a dor-  
mir nos seus leitos de pedra um  
sonno de muitos seculos, e que se  
chamavam Affonso Henriques e  
Sancho Adefonsiades. Os olhos do  
ancião ficaram enxutos. Só accres-  
centou: — «Mas para onde hei de  
eu ir?» «Para casa dos vossos pa-  
rentes»: acudiu o philosopho. O ce-  
nobita correu a mão pela fronte  
calva, e respondeu: — «Já não tenho  
parentes na terra: todos me espe-  
ram no céu.» «Então ireis para a  
de algum amigo.» «O unico amigo  
meu que ainda vive é aquelle.» E  
apontava para a avesinha. «O fra-  
de irá pois morar na gaiola do pin-  
tasilgo»: rosou por entre os dentes  
um dos algozes, que tinha forma de  
gracioso. Não quiz, porém commu-  
nicar aos outros tal ideia. Tudo es-  
touraria de riso.

Alguem, que estudava ahí perto  
esta scena de progresso moral, não  
pôde, todavia, continuar os seus  
graves e terriveis estudos. Precisa-  
va de ar, de luz, de ver o ceu.  
Atravessou ligeiro o longo dormito-  
rio, e desceu a quatro e quatro os  
degraus das extensas escadarias.  
As lagrimas reventavam-lhe como  
punhos. A' portaria de Santa Cruz  
as primeiras palavras que ouviu fo-  
ram, que a municipalidade acabava  
de fazer um calvario no fundo de  
uma petição, escripta em vasconço  
por certo doutor affamado, na qual  
pedia ao governo lhe atirasse aquelle  
osso do mosteiro de sete seculos,  
para o roer até os fundamentos, e  
construir no sitio d'elle, não me lem-  
bra ao certo se um espojeiro, se  
uma sentina. Era o estudo do pro-  
gresso artistico após o estudo do pro-  
gresso moral.

Alexandre Herculano.

«Opusculos» tomo I 1880 pag. 149.

## A cruz da serra

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,  
Os gigantes combates dos tyrannos,  
E venceste. No solo libertado  
Que pediste? Um retiro no deserto,  
Um pincaro granítico, açoutado  
Pelos azas do vento e ennegrecido  
Por chuvas e por soes. Para amegar-te  
Este ar humido e gelido a segure  
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio  
No ardor canicular nunca disseste:  
«Dae-me, sequer, do bravo medronheiro  
O desprezado fructo!» O teu vestido  
Era o musgo, que tece a mão do inverno  
E Deus creou para trajar as rochas.  
Filha do céu, o céu era o teu tecto,  
Teu escabello o dorso da montanha.  
Tempo houve em que esses braços te adornava  
C'róa viçosa de gentis boninas,  
E o pedestal te rodeavam preces.  
Ficaste em breve só, e a voz humana  
Fez, pouco a pouco, junto a ti silencio.  
Que te importava? As arvores da encosta  
Curvavam-se a saudar-te, e revoadando  
As aves vinham circumdar-te de hymnos.  
Afgava-te o raio derradeiro,  
Frouxo do sol ao mergulhar nos mares.

Alexandre Herculano.

D'«A cruz mutilada».

## Falta de espaço

Penalisa-nos o termos, volta e  
meia, de recorrer a isto: pedir descul-  
pa aos nossos colaboradores pela  
detenção involuntaria dos seus origi-  
naes.

Fomos obrigados a retirar para  
a semana os *Echos de Vallega*, d'esta  
vez tão opportunos; as referencias  
que devemos á *Fé Catholica* e *Encyclo-  
pedia das Familias*; a *Historia  
d'um conto* que tanto interesse tem  
despertado, fica ainda hoje em có-  
pia; o movimento parochial e revis-  
ta do tribunal sairão no proximo  
numero.

## BOLETIM ELEGANTE

Completa no dia 7 do corrente  
16 formosas primaveras a menina  
Irene Abreu, filha extremecida do  
nosso prestante amigo e correligio-  
nario sr. Antonio Augusto Abreu,  
digno sub-inspector da Companhia  
Real.

—Estiveram entre nós alguns dias  
desta semana os nossos presados  
amigos Padres Manoel Vieira Leite,  
parcho de Alfena e Luiz Pereira  
da Silva, coadjutor de Esmoriz.

—De visita a sua familia esteve  
no ultimo domingo em S. Vicente  
o nosso bom amigo Padre José M.  
da Fonseca e Pinho.

—Regressou de Manaus, onde é  
empregado nos Armazens Andres-  
sen, o sr. Antonio Gomes Lyrio.

—Completo hontem 12 rissonhas  
primaveras a galante menina Maria  
d'Ascenção Dias Regallado, filhinha  
do nosso presado amigo e correli-  
gionario, sr. Manoel Ferreira Re-  
gallado.

—Por motivo da grave doença  
que acaba de victimar seu pae, tem  
estado nesta villa o sr. Antonio  
Baptista Zagallo dos Santos, quin-  
tanista de Direito. E em razão do  
triste desenlace que vem de ferir  
tão cruelmente este nosso presado  
amigo, tambem aqui se encontram  
seus tios, drs. Francisco e José  
Baptista Zagallo.

—Em goso dos feriados concedi-  
dos pelo centenário de Herculano  
vieram a esta villa, onde permane-  
ceram até domingo, os academicos  
da Universidade srs. Antonio Gon-  
çalves Santiago e Anthero Garcia  
d'Oliveira Cardoso.

—Tem passado mal de saude a  
ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Irene Chaves, tia do  
sr. Dr. Chaves.

—Passa tambem adoentada a  
ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Alexandrina Duarte da  
Silva, filha do sr. Antonio Duarte  
Silva.

## Mez de Malo

Começaram os devotos e poeticos  
exercicios do mez de Maria na  
egreja matriz, ás 5 horas da ma-  
nhã; Senhora da Graça ás 4 da  
tarde; S. Miguel, ás duas, e no col-  
legio das Dorotheias.

## Desastre

Víctima de um lamentavel desas-  
tre, falleceu ás 5 horas da madru-  
gada do dia 2, em Mathozinhos o  
Snr. Fernando Brandão, filho do  
industrial Henrique Brandão, socio  
da firma Brandão Gomes & C.<sup>a</sup>, de  
Espinho.

Fernandes Brandão era um per-  
feito cavalleiro gosando em Espinho  
de geraes sympathias, sendo a sua  
morte profundamente sentida.

A noticia de tal acontecimento  
consternou toda a villa que cerrou  
as suas portas.

Deixa viuva e 2 filhinhos.

A todos os seus envia o «Rege-  
neral Liberal» o seu profundo  
pezar.

## Vaccina

Está á diposição de quem a qui-  
zer aproveitar, immunisando-se as-  
sim contra a epidemia da variola,  
que ahí tem passado muito a seu  
salvo. Será bom que todos a utili-  
zem, visto que o ex.<sup>mo</sup> sub-delegado  
de saude nol-a faculta, pondo-se á  
nossa disposição todos os dias nos  
paços do concelho. E' um dever  
que temos obrigação de cumprir  
não só em attenção a nós, ve-  
lando pela nossa saude, como  
tambem em respeito á vida do  
nosso semelhante, pois assim evita-  
remos o alargamento do contagio,  
prevenindo-nos contra a epidemia.

## Anjinho

Sepultou-se na noite de sexta-  
feira passada a innocente Maria,  
filhinha do sr. José da Silva Bonifacia  
e netinha do sr. Affonso José  
Mártins, a quem dirigimos peza-  
mes.

## José Maria Pereira dos Santos

Finou-se no hospital da Lapa, no  
Porto, onde recolhera para se sub-  
meter a uma operação cirurgica,  
que não chegou a soffrer, este hon-  
rado e bemquisto negociante d'O-  
var. O triste acontecimento deu-se  
ás 10 horas da noite de sexta-feira,  
sendo seu cadaver trasladado para  
esta villa, no domingo, no comboio  
das 5 e meia da tarde. Da estação  
d'Ovar foi conduzido em enterro  
com a assistencia do clero e pessões  
de distincção d'esta freguezia, para  
a igreja matriz, onde ficou em de-  
posito para os officios de corpo pre-  
sente que se celebraram no dia se-  
guinte ás oito horas da manhã.

A seu desolado filho e cunhados,  
srs. Antonio B. Zagallo dos Santos,  
quintanista de Direito, e Drs. José  
e Francisco Zagallo, a expressão  
sentida das nossas condolencias.

## Litteratura estrangeira

Segundo a revista allemã *Luegen-  
kalender* de Berlim, em correspon-  
dencia vinda de Boston, um subdito  
do imperador Guilherme actualmen-  
te colono allemão n'aquella cidade  
americana, acaba de dar á luz um  
extraordinario romance, que tem  
produzido muita sensação em toda  
a America. *Schuhmacher*, o notavel  
publicista traz entre mãos, o segun-  
do tomo da obra que em breve se-  
rá trazido para as estantes das li-  
vrrarias. Espera-se que o exito al-  
cançado pela segunda parte da obra  
produza ainda mais sensação que o  
primeiro volume.

## Obito

Falleceu no Salgueiral, d'esta fre-  
guezia, no dia 29 d'abril, a mãe  
dos nossos presados amigos Ma-  
nuel da Silva Lopes, habil dentista  
e Seraphim da Silva Lopes, auzen-  
te no Brazil.

Os nossos sentimentos.

## Demolição...

Na semana passada foi demolido  
um pedaço do paredão da praça da  
hortaliça, a partir da casa do sr.  
Frederico Abragão, e arrancada  
uma arvore que ahí frondejava.

O fim desse trabalho é, ao que  
se diz, fazer uma casa subterranea  
destinada á venda de... sardinha.

Deve ter sido negocio de encher  
o olho, para a camara se resolver a  
consentir que se abram boccas...  
mesmo nas bochechas de Neptuno,  
que é como quem diz, no coração  
da villa. E, d'ahi, talvez seja obra  
recommendada pela hygiene...

Aprender até morrer.

## No Pará

Lá victimou a febre amarella  
mais um patricio nosso, na pessoa  
do mallogrado Francisco d'Oliveira  
Maia, de 17 annos de idade. O in-  
feliz era sobrinho do nosso bom e  
intelligente amigo, rev. Padre José  
Maria Maia de Rezende, a quem  
por este motivo cumprimentamos  
doloridamente.

## Pesca

Trabalharam nesta e na semana  
passada algumas companhias de pes-  
ca do Furadouro, tirando pequenas  
mancheias de petinga e carapau  
meúdo.

## Rectificando

A' noticia do funeral do nosso  
pranteado amigo Luiz Monteiro te-  
mos a acrescentar como comple-  
mento que tambem era portador  
d'uma corôa o nosso amigo Antonio  
Dias, sub-inspector do Movimento  
da Companhia Real, o que por lapso  
deixamos de mencionar.

Egualmente emendamos a decla-  
ração feita no ultimo numero d'este  
semanario pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Pal-  
myra Peixoto.

Tracta-se da comissão de S.  
José e não da de S. João, como por  
engano sahio.

Algumas cousas mais tinhamos a  
rectificar noutras locaes do mesmo  
numero, mas deixamos isso á intelli-  
gencia dos nossos leitores.

# HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

betes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

**TUBERCULOSE**  
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

# LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica teem demonstrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico Inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º—No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silva, 115.

## ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70  
**PORTO**

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratísimos

## FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª

## ESPINGARDAS

DE CAÇA  
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»  
Vibrador «Varno»  
Sorvetelras, etc., etc.

## CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41  
**PORTO**

## PAPEIS PARA FERRAR CASAS

Das principais fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio, 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

## AZULEJOS

### FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José er eira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faianca e pó de pedra.

Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 271

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrafas

## DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 — Porto

Telephone, 616

Uma visita á  
**PHOTOGRAPHIA CARVALHO**  
R. do Passio Alegre, 27 e 29  
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartomagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato.  
Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

## Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20  
**PORTO**

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

## AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFICILIS

Deposito em Ovar:  
Viuva de Silva Cerqueira.

## José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO  
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA  
PUREZA das QUALIDADES

## TYPOGRAPHIA

### JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72 — Rua da Picaria, 74 — PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

## Flores a S. José

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno, com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Excripturas, Santos Padres e Doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenados por Antonio Luiz Falcão. Segunda edição. Approved pelo Snr. Cardeal Bispo do Porto — enc., 200 reis.

## O Mez de S. José

A violeta de março. Vertido d'um livro allemão por Carlos H. Pieper. Revisto pelo Dr. Domingos de Souza Moreira Freire. Com permissão do Snr. Vigario Capitular. 3.ª edição augmentada com o modo de ouvir a missa pelos defunctos — vol., enc., 160 reis.

Vendem-se na Typographia Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

## ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista  
Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º  
(Em frente ao cortejo da Graciosa)  
ESPINHO

## REGENERADOR LIBERAL

OVAR

ILL.º SNR.